

## A DIFICULDADE DOS ALUNOS EM INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

Jean Carlos Vitorino (UEL)

Liliane Cristina Lopes (UEL)

Michelle Naomi Yamashita (UEL)

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo compartilhar as experiências vividas durante o estágio curricular obrigatório do 3º ano do curso de Letras Vernáculas e Clássicas. Tal prática foi vivenciada no Colégio Estadual Dr. Gabriel Carneiro Martins, de Londrina, com as turmas do 6º ano A e 6º ano B do ensino fundamental II. Este artigo apresenta as verificações feitas sobre a dificuldade dos alunos na interpretação textual durante vários períodos do estágio e na realização de diferentes atividades. A percepção desse fato nos levou a questionar o porquê da dificuldade dos alunos e a possibilidade de trabalhar isso com eles. Afinal, é através da interpretação textual que a escola pode desenvolver a leitura crítica no mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interpretação textual; Estágio; Dificuldades.

### 1. Introdução

O estágio curricular obrigatório é uma prática necessária para que os discentes da área de licenciatura e futuros professores entrem em contato com a realidade vivida dentro dos colégios. Tanto é que tal ação proporcionou-nos identificar dentro do ambiente escolar os desafios de trabalhar a interpretação textual com os alunos desde o trabalho com contos e crônicas até a fábula e a história em quadrinhos.

Pretendemos relatar quais foram as dificuldades encontradas ao trabalhar cada um desses gêneros e como buscamos soluções para não deixar dúvidas aos alunos. Afinal, como afirma a doutora e professora de Língua Portuguesa da Faculdade Integrada do Recife (FIR), Ivanda Silva: "Os alunos deveriam ser capazes de 'experenciarem' o ato de ler como uma ação cultural, em que o leitor tem papel dinâmico nas redes de significação do texto." (SILVA, 2003, p. 515). Ou seja, pretendemos formar leitores perspicazes que compreendam a importância da interpretação textual para modificar o mundo como sujeitos sociais ativos.

Dessa forma, ao propor cada uma das atividades aos alunos tentamos discutir e analisar com eles os significados do texto.

É durante a interação que o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura silenciosa, nem durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto. (KLEIMAN, 1996 apud SILVA, 2003, p. 516)

Ou seja, "É justamente na troca de experiências e histórias de leitura que, de fato, ocorre a interação entre textos e leitores." (SILVA, 2003, p. 516). Como leitores inexperientes, os alunos desenvolvem a capacidade interpretativa nessa troca, nesse diálogo. Cada um colabora com os conhecimentos prévios que possui ao chegar à escola e é na sala de aula onde, efetivamente, é possível fazer esse compartilhamento.

## **2. Experiência de estágio**

Durante o período de observação das aulas, a professora regente trabalhou com os alunos as tipologias textuais, sendo que os tipos descritivos e narrativos receberam mais atenção, por conta da faixa etária dos alunos. Foi-nos proposto, então, continuar nessa linha de raciocínio e apresentar aos alunos o gênero conto.

Logo, apresentamos aos alunos um conto do autor brasileiro Pedro Bandeira, "Um Problema Difícil". Trata-se de uma história narrativa mais curta e rápida para trabalhar em sala de aula. O conto gera certa expectativa nos leitores, mas no final há uma quebra dessa expectativa.

Através desse fato pudemos trabalhar com eles, além dos elementos habituais às narrativas, os elementos inesperados que podem ocorrer numa história. Sendo assim, reforçamos os aspectos já trabalhados pela professora do colégio como, por exemplo, personagens, tempo, espaço, enredo, introdução, desenvolvimento, clímax e desfecho. E apresentamos uma novidade ao trabalhar com a quebra da expectativa.

Foi possível notar certa dificuldade por parte dos alunos para compreender o clímax da história, justamente, por existir uma quebra de expectativa ao final do conto. Para tentar auxiliar os alunos na compreensão do elemento clímax no texto, trabalhamos então com uma crônica de Mário Drummond de Andrade, "Caso de Canário".

Nessa crônica foi possível trabalhar cada elemento da narrativa de forma mais clara com os alunos, apresentando separadamente e identificando juntamente com eles cada uma das partes do texto (introdução, desenvolvimento, conflito, clímax e desfecho).

No conto "Um Problema Difícil", de Pedro Bandeira, o clímax da história estava no desfecho, e isso fez com que os alunos logo apontassem o clímax da crônica "Caso de Canário" como sendo o desfecho também. Ou seja, percebemos que ainda havia a dificuldade dos alunos em identificar o clímax. Para eles tratava-se de um ponto fixo da narrativa, não havia o questionamento da problemática ou do conflito.

Então, nossa aula se voltou a essa dúvida. Foi necessário explicar aos alunos que o clímax de uma história é aquilo pelo que você espera durante toda a narrativa. É o momento de maior expectativa e emoção, ou seja, o ápice da história, e não um ponto fixo em todos os textos. Afinal, nem sempre o clímax estará no desfecho (como foi o caso do conto tralhado). Explicamos que narrativas mais longas podem, inclusive, apresentar mais de um clímax, por se tratarem de histórias com vários acontecimentos ao mesmo tempo.

Depois de trabalhar com os alunos o conto "Um Problema Difícil", de Pedro Bandeira, decidimos fazer uma proposta de redação para que eles criassem um final para o conto lido. Isso foi possível, pois nessa narrativa o autor apresenta o personagem Xexéu, que possui um problema muito grave para resolver, mas por ser apenas uma criança ela pede ajuda ao pai. Durante o desenrolar da história, o problema de Xexéu passa por diversas pessoas e autoridades, porém o problema em si não é nunca revelado, provocando assim, justamente, a quebra de expectativa do leitor.

A partir desse enredo pedimos para que aos alunos elaborassem uma narrativa como final para o conto que incluísse a revelação do problema de Xexéu. Porém, foi possível notar, durante a correção das redações, certa dificuldade por parte dos alunos em interpretar até mesmo a proposta da redação.

Alguns alunos não cumpriram com o enunciado. Um deles escreveu o que era o gênero conto. Alguns não apresentaram o problema de Xexéu como foi pedido, apenas escreveram uma narrativa que continuava a passar o problema de Xexéu de pessoa para pessoa. Outros, ainda, escreveram uma história totalmente diferente da história de Xexéu, descontextualizando-a. Por fim, alguns alunos escreveram a história do início e revelaram o problema numa única linha final.

A partir da leitura das redações percebemos a dificuldade dos alunos em manter o foco no que foi pedido na proposta de redação. A falta de atenção deles os levava para um tipo

de invenção livre. Tal fato muitas vezes acaba prejudicando-os, pois eles não têm uma ideia para seguir e limitar o campo de escrita, acabam fugindo do assunto de forma exagerada.

O objetivo da redação era que eles desenvolvessem o problema de Xexéu e usassem sua criatividade para propor esse final, mas, como foi dito acima, alguns apenas copiaram a estrutura do texto começando a história do início e se preocuparam em mudar apenas a fala final da personagem para revelar o problema.

Por outro lado, não podemos deixar de elogiar o interesse e a criatividade que certos alunos apresentaram. Aceitaram a proposta de redação de forma muito positiva e conseguiram desenvolver histórias muito produtivas como final.

Ao dar as primeiras aulas trabalhando os gêneros conto e crônica, notamos as dúvidas dos alunos para trabalhar com textos mais longos. Não longos se comparados a livros inteiros, mas longos quando comparados aos textos que lhes são apresentados no dia a dia.

Apesar de serem textos, na maioria das vezes, simples que apresentam uma narração, muitos alunos apresentavam dificuldades na compreensão. Durante as observações do estágio, pode-se notar que um dos motivos para essa dificuldade está na falta da prática da leitura assim como da produção textual.

Discutindo em sala de aula com a professora regente dos alunos, acabamos ouvindo sua opinião sobre o assunto, ela expôs a real situação escolar relatando que o certo seria que os alunos tivessem a matéria de produção de texto separada das aulas de gramática, inclusive, que eles tivessem professores diferentes para ministrar cada uma dessas aulas.

Assim, seria possível trabalhar melhor com os alunos e ter um resultado mais eficiente, pois juntar as aulas de gramática com as aulas de produção textual acaba sendo muito apertado para a quantidade de aulas que eles possuem. Isso dificulta para o professor, que precisa escolher o que deve trabalhar com o tempo disponível. Muitas vezes é necessário “sacrificar” alguns temas, ou quando trabalhado, não ocorre da forma como gostaria, que é o caso da produção de texto.

Uma das soluções que encontramos para trabalhar os textos em sala de aula foi usar um projeto apresentado na palestra do Selisigno, que contou com a presença de Sírio Possenti. Ele abordou alguns assuntos sobre o tema “A Verdade Acima de Tudo”, mas falou de modo geral sobre a leitura nas escolas.

Sírio ao falar sobre esse projeto destacou que seria interessante trabalhar com textos curtos em sala de aula, pois nos dias atuais vivemos na era dos textos curtos. Ou seja, principalmente para os alunos mais novos, um texto que apresente trechos com mais de seis linhas já é considerado um texto longo e cansativo. Ele citou alguns gêneros que são interessantes e despertam a atenção dos alunos como: piadas, tiras humorísticas e poesias.

O fato de se trabalhar esses gêneros está relacionado com a ideia de que demandam um tempo menor de discussão e se torna mais fácil dialogar com os alunos sobre eles. Além disso, promovem uma discussão que ajuda a desenvolver a capacidade de análise e senso crítico. Vale lembrar que ao trabalhar com esses textos curtos, o professor pode não só planejar uma aula toda com atividades em cima deles, mas também apresentá-los aos alunos quinze minutos antes do começo de toda aula, não afetando o resto do conteúdo programado, mas exercitando a capacidade de interpretação e proporcionando uma participação maior dos alunos.

Seguindo a ideia do projeto do professor Sírio Possenti, trabalhamos com os alunos uma tirinha do Calvin e Haroldo. Lemos com eles em sala de aula, explicando a ideia da tirinha e tirando algumas dúvidas. Em seguida, passamos as atividades tanto de interpretação textual como também de gramática dentro desse tema.

Acabamos tendo um resultado muito bom pela grande maioria dos alunos, que interagiram bem mais e conseguiram entender melhor as propostas da atividade. Pode-se notar também que a maior interação com os alunos se deu pela segurança deles ao falar o que haviam entendido. Afinal, eles sentiram mais confiança em suas próprias interpretações com o texto curto.

Além da história em quadrinhos, trabalhamos também uma fábula. E a discussão promovida com os alunos mostrou que as diferentes modalidades de leitura utilizadas em sala de aula proporcionaram uma interpretação colaborativa. Isso foi possível, pois ao abrirmos espaço para uma estratégia de atribuição de sentido por parte dos alunos para com o texto conseguimos, de acordo com as respostas cedidas em sala, ampliar os pensamentos dos alunos e contribuir com as ideias já dadas por eles a fim de obter uma resposta de sentido correto do texto.

Em alguns momentos, a progressão lógica da ideia principal do texto acabava ficando comprometida em sala, pois não eram localizadas as ideias centrais e/ou secundárias. Podemos dizer que a dificuldade se encontra em determinados processos de interpretação como na identificação das ideias irrelevantes e abstratas, e das ideias principais do texto.

Nesses aspectos citados, percebemos que mesmo quando tratamos de um texto mais curto e objetivo, alguns alunos fogem da reflexão apresentada no texto. Sendo necessário, assim, trazer atividades que lhes permitam desenvolver o senso crítico e intelectual, além das discussões promovidas para compreender o sentido do texto.

Isso ocorreu quando apresentamos a fábula aos alunos. Mesmo promovendo uma discussão em sala de aula sobre a interpretação feita por eles, no momento de discutir a moral da história alguns alunos não conseguiram identificá-la. Isso aconteceu, pois o texto em si não apresentava a moral ao final da narrativa, os alunos deveriam identificá-la num exercício. Alguns alunos acabaram apontando a moral da história como um ciclo da natureza apenas porque a história apresentava diferentes animais numa determinada sequência. Porém, a moral tem a ver com valores e princípios morais.

Essa dificuldade dos alunos em identificar a moral tem a ver com o fato de que a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio. O leitor irá utilizar para a interpretação o que ele já sabe, ou seja, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida.

Ao iniciarmos uma determinada situação de aprendizagem na escola, nos deparamos com o conteúdo abordado e pretendemos começar pelo início, porém, algumas dúvidas surgem a partir disso, pois o início está sempre em um lugar diferente para cada aluno. Afinal, eles trazem seus conhecimentos pessoais (familiares e de mundo), vivências afetivas e cognitivas e, a partir disso, podemos partir para uma visão mais ampla de determinados conteúdos.

Na sala de aula, ao abordar alguns textos e atividades (como a fábula, por exemplo) que necessitavam de um conhecimento prévio dos alunos, houve certa dificuldade, pois os assuntos não estavam apresentados explicitamente para o leitor. Para melhor compreensão e assimilação do assunto era preciso uma pequena base, porém percebemos que alguns alunos

mostraram-se sem esse processo de construção. Isso afetou a interpretação do texto e por consequência não obtiveram uma noção do caráter total do sentido do texto e da leitura.

A partir dessa perspectiva, entendemos como é significativo para o aluno estabelecer uma boa relação entre o texto e seu conhecimento de mundo. Isso faz com que ele faça suas ligações de sentido, acionando a temática do assunto abordado. Ao contextualizar um texto é possível sair da superficialidade e aprofundar as compreensões e perspectivas propostas no texto.

Outro aspecto, que percebemos, é que a dinamicidade interpretativa de algumas atividades realizadas em sala causaram inúmeros compartilhamentos de informações que mostram a vivência de cada aluno. Dessa forma, partimos para essa abordagem mais objetiva e assertiva, usando suas próprias ideias e ampliando-as, fazendo inferências que possibilitam o entendimento do aluno no assunto abordado.

### **3. Considerações finais**

Através de todas as experiências relatadas sobre a vivência do período de estágio podemos concluir que, apesar de todas as dificuldades encontradas ao trabalhar a interpretação textual, o trabalho é extremamente proveitoso. Contribuir para a formação de futuros sujeitos sociais nos faz entender a importância da profissão de um professor.

O desafio do professor é ajudar os alunos a elaborar ou rever suas interpretações iniciais, sem descartar totalmente suas primeiras leituras. O professor deve colaborar com os alunos, visando à construção/reconstrução de interpretações e não simplesmente apresentando leituras já prontas. (BEACH e MARSHALL, 1991 apud SILVA, 2003, p. 520)

Como colaboradores para a formação do aluno devemos entender que não se deve questionar os conhecimentos que o aluno já carrega consigo ou julgar as dificuldades de cada um, mas incentivá-lo e trabalhar para ampliar suas visões.

É fundamental que a escola aborde a função social da literatura como uma possibilidade de ‘ler o mundo’, contribuindo, assim, para a formação de leitores críticos, capazes de articular a leitura de mundo à leitura produzida em sala de aula. (SILVA, 2003, p. 517)

## Referências

SILVA, Ivanda Maria Martins. **Literatura em sala de aula:** da teoria literária à prática escolar. Disponível em: <shorturl.at/iuJOQ>. Acesso em 12 setembro de 2019.